



Um ator em rotação, translação e reinvenção



Caio Blat
volta ao palco
com a peça **'Os
Irmãos Karamázov'**,
da qual é **codiretor**.
Também **brilha na TV**
no resgate de 'Proibido
Proibir', **prepara
espetáculo** à base de
Kafka e tem **longas
inéditos** por lançar.
Página. 2

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Marcada para começar às 17h, no Teatro Carlos Gomes, a apresentação deste domingo do espetáculo “Os Irmãos Karamázov” acaba a tempo de a sua plateia conferir o desempenho de rasgar corações de seu codiretor e também ator, o paulista Caio Blat, em outra latitude, no caso, a televisão, na transmissão que a TV Brasil fará de “Proibido Proibir” (2006), às 21h30. É um cult que nos reeduca sobre alianças, assim como a montagem encenada por Marina Vianna e pelo astro, no ano passado, no Sesc Copacabana.

Quem pode vê-la, em 2025, sabe o quanto o público sai da imersão teatral na prosa de Fiódor Dostoiévski (1821-1881) zonzo, sem saber onde acaba a Rússia do século XIX e onde começa o Rio de hoje – até pela permanência de certas chagas morais. A zonzzeira se repete agora que essa visita à Rússia dos czares de instala em casa nova, no Centro. Esta noite, que for ao Carlos Gomes, vai se encantar ao ver como o romance publicado em 1880 saiu das páginas para virar dramaturgia à brasileira, com frases de lavar almas como “Não sei o que eu faria com quem inventou essa história de Deus”.

As sessões no Carlos Gomes às quintas e às sextas são às 19h. Sábados e domingos são às 17h. Nelas, o legado de Dostoiévski vai além da retidão do verbo na descrição da perplexidade. Sua herança mais valiosa é a postulação da tolerância como acordo para viabilizar a sobrevivência. É desse postulado que parte a montagem. “Várias falas da peça sobre a Rússia cabem perfeitamente quando pensamos o Brasil hoje”, alerta Caio, ao ponderar sobre a hora e a vez de levar “Os Irmãos Karamázov” de volta ao Rio. “Foram anos de estudo, a adaptação levou décadas para ficar pronta, e eu nunca tinha tido coragem de assumir a direção. Claro que eu estava junto com a Marina, que é uma professora incrível e uma diretora extraordinária. Ela foi fundamental, e a gente construiu uma parceria muito bonita. Essa ideia de desrespeitar Dostoiévski, de fazer uma adaptação contemporânea, misturando gêneros, incorporando atitudes, situações atuais e músicas modernas, foi central para o processo”.

Tem Caio em muitas telas neste fim de semana, em muitos formatos, em muitas plataformas. No Globoplay, ele aparece em minissérie (“O Bem-Amado”), em série (“Amor e Sorte”), em filme (“Grande Sertão”). Está ainda na novela “Beleza Fatal”, da HBO Max. Domingão, ele resplandecerá na grade – aberta – da maior emissora pública educativa da nação, a TV Brasil, numa das atuações mais flamejantes de sua trajetória. Lançado há 20 anos no Festival



Rafael Bougleux/Divulgação

Caio Blat divide a direção de “Os Irmãos Karamázov” com Marina Vianna, que estreou em 2025 e regressa agora no Teatro Carlos Gomes

A ousadia de ‘desrespeitar’ Dostoiévski

“Vou realizar um sonho muito importante na minha vida, que é fazer uma peça com meu primo Ricardo Blat, um dos maiores atores de teatro do país e uma das minhas maiores inspirações”

CAIO BLAT

do Rio, “Proibido Proibir” aniversaria agora, chegando a duas décadas de prestígio, narrando com ardor um triângulo amoroso entre estudantes da UFRJ (Maria Flor, Blat e Alexandre Rodrigues). Nas franjas do querer, flagra desajustes sociais de um Rio que não aparece nos cartões-postais padrões da Cidade Maravilhosa, da Ilha do Governador à Penha. Dirigido por Jorge Durán, a produção junta thriller, romance e ciências sociais. Com os Karamázov do Carlos Gomes é igual.

“É curioso perceber que a Rússia está invadindo a Ucrânia, com impulso expansionista, enquanto a América Latina acabou de ser invadida também. A Rússia dos Karamázov era uma Rússia pré-revolucionária, em que começaram a se formar grupos anarquistas e socialistas, um país empobrecido às

vésperas de uma revolução. O Brasil dos últimos anos, desde 2013, também é um país rachado, com manifestações constantes e disputas políticas muito intensas”, dimensiona Blat, com a mesma lucidez geográfica que avassala os personagens de “Proibido Proibir”, um dos longas mais possantes de sua premiada carreira.

Um dos curadores do Festival de Gramado, o ator, que desfilou talento nas telas em joias do quilate de “Lavoura Arcaica” (2001), “Carandiru” (2003), “Bröder” (2010) e “BR 716” (2016), viveu um ano mágico em 2006. Apareceu na peça “Essa Nossa Juventude” e nos longas “O Ano Em Que Meus Pais Saíram de Férias”, de Cao Hamburger; “Baixo das Bestas”, de Claudio Assis, e “Batismo de Sangue”, de Helvécio Ratton, paralelamente ao frene-

si que “Proibido Proibir” fez país afora. De cara, um de seus protagonistas, o aluno de Medicina Paulo (Blat, sublime) é arisco com a estudante de Arquitetura Letícia (Maria Flor), namorada de seu melhor amigo, o formando em Ciências Sociais Leon (Alexandre Rodrigues, o Buscapé de “Cidade de Deus”). O “Jules et Jim” suburbano entre eles colide com a luta de Leon para defender um adolescente jurado de morte pela polícia depois de testemunhar um ato de corrupção. Luis Abramo assina a fotografia dessa produção.

“O ‘Proibido Proibir’ é um dos meus filmes mais lindos e emocionantes. Tinha aquela coisa meio Nouvelle Vague e também o fato de a gente ser muito jovem. O aprendizado com o Durán, que é um mestre, foi fundamental. Foi também um dos últimos filmes rodados em película, em 35 milímetros, o que torna tudo ainda mais especial para mim”, lembra Blat, que começa 2026 dirigindo uma peça nova, uma adaptação da literatura de Franz Kafka (1883-1924): “Um Artista da Fome”. “Kafka já estava morrendo de tuberculose quando escreveu alguns contos bastante obscuros sobre a condição do artista. Vou realizar um sonho muito importante na minha vida, que é fazer uma peça

com meu primo Ricardo Blat, um dos maiores atores de teatro do país e uma das minhas maiores inspirações. Agora vou realizar esse sonho de contracenar com ele e também de dirigi-lo, com texto adaptado pelo Rogério Blat, que também é meu primo. Vai ser um projeto bastante familiar. Já estamos ensaiando e a estreia está prevista para março, em São Paulo, no Sesc Bom Retiro”.

Paralelamente, Blat filmou o longa “Justino”, de José Eduardo Belmonte, protagonizado por Christian Malheiros. É a história de um pastor que dedicou sua vida à igreja, mas que encontra redenção e amor nas ruas. “Trabalhar com o Belmonte é sempre especial. É um diretor incrível na condução dos atores, e é sempre um aprendizado. Também acabei de fazer um filme com a Maria Ribeiro. Um longa sobre a história de um casal que viveu junto, teve filhos, se casou, construiu uma casa, um sonho e uma carreira em comum, e depois se separou. O filme deve se chamar ‘Depois’ e é dirigido por Renata Paschoal. Começo 2026 com dois lançamentos no cinema muito importantes para mim”.

SERVIÇO

OS IRMÃOS KARAMÁZOV

Teatro Carlos Gomes (Praça Tiradentes, s/nº – Centro) Até 18/1, quintas e sextas (19h) e sábados e domingos (17h) A partir de R\$ 80

Fala, figurante!

Comédia de Wendell Bendelack e Rafael Primot mostra a busca por visibilidade daqueles que vivem à margem dos holofotes

A cena é comum nos sets de filmagem e nos palcos: dezenas de pessoas aguardam pacientemente sua vez, torcem por uma fala, disputam uma participação especial. Foi justamente ao presenciar a frustração de um figurante que perdeu uma oportunidade para outro ator que Carol Cezar encontrou o mote para “Os Figurantes... E Depois?”, comédia que estreia nesta sexta-feira (9) no Teatro Laura Alvim, em Ipanema. “Ali eu entendi que existia uma peça sobre o desejo de ser visto — e sobre o impacto quando isso não acontece”, conta a atriz, que além de integrar o elenco, idealizou e produziu o espetáculo.

Com texto de Wendell Bendelack e Rafael Primot, além da colaboração de Andrea Batitucci e Cleomácio Inácio, a montagem nasceu de uma pesquisa intensa sobre roteiros e histórias reais do universo da figuração. Bendelack, que também assina a direção, estruturou a dramaturgia em formato de esquetes interligadas que formam um mosaico sobre a vida nos bastidores. O resultado é um espetáculo de ritmo ágil que transita entre o humor e a reflexão, utilizando o que Carol define como “deboche carinhoso” para iluminar personagens que costumam ficar nas sombras.

Além de Carol Cezar, estão em cena Bia Guedes, Hugo Germano, Rodrigo Fagundes e Tati Infante que, juntos, dão corpo e voz a situações que extrapolam o universo artístico para tocar questões sobre trabalho, precariedade e a luta diária por reconhecimento.

Segundo Carol, a identificação com o público acontece justamente porque a montagem lhe atinge diretamente. “O mais bonito de ver é que o público percebe rapidamente que ‘Os Figurantes...’ não é uma peça ‘sobre o audiovisual’. É sobre qualquer pessoa tentando existir num mundo enorme. A peça transforma a experiência do coadjuvante em uma pergunta universal: quantas vezes você já se sentiu figurante da sua própria vida? No trabalho, na família, numa relação amorosa, numa cidade que engole a gente? Os personagens são espelhos, querem ser vistos, valorizados — ou ao menos lembrados. Por isso o público se reconhece, porque todo mundo já batalhou por uma fala”, argumenta.

Para a produtora e atriz, o uso do humor não visa à ridicularização, mas à ampliação do que há de humano nas situações retratadas. “Quando digo que escancaramos o ego, o improviso e a vulnerabilidade, não é para ridicularizar ninguém, é para mostrar que todos nós, de algum jeito, estamos tentando ser vistos, reconhecidos, lembrados. E isso é profundamente humano”, defende.

Bia Guedes enxerga na peça um convite à leveza diante das cobranças cotidianas. “Ninguém é protagonista o tempo todo, e tudo bem. É o que a peça nos lembra. É sempre bom olhar a vida com menos cobrança e mais leveza! Entendendo que até nos momentos em que pareço estar só ‘figurando’, eu continuo fazendo parte do todo e isso também tem muito valor. Essa peça me faz pensar muito sobre aqueles momentos em que a gente se sente apagado, como se só estivesse ‘de fundo’ na própria vida. Mas tudo isso de um jeito leve e divertido! Com a direção do Wendell as cenas se constroem de um jeito dinâmico e milimetricamente pensado! E além de tudo isso, ainda podendo dividir palco com colegas de elenco tão talentosos!”, diz.

Hugo Germano revela que busca não se deixar abalar por opiniões alheias na construção de seu espaço na arte. “Busco sempre ser o protagonista da minha vida e não depender da aprovação ou licença dos

outros para agir, acredito que um artista tem que ter algo a dizer em cena, sem fugir da sua essência. O maior desafio é representar um figurante respeitando seus desejos e anseios. Esse espetáculo me faz pensar em todas as escolhas que tomo profissionalmente, nas minhas referências artísticas, o teatro me dá a possibilidade de colocar todas as minhas memórias em cena”, reflete.

Tati Infante, que divide seu trabalho entre palco e redes sociais, reconhece no humor ácido da peça uma crítica pertinente sobre competição e visibilidade. “O humor de ‘Os Figurantes...’ é exatamente o tipo de comédia que eu amo, aquele humor ácido que a gente ri... e depois pensa, ‘Meu Deus, sou eu!’”. A peça mostra atores transformando um set de filmagem num verdadeiro ringue de UFC por uma fala e eu, como atriz e influenciadora, olho aquilo e penso, “...Gente, isso aqui é

um documentário!”. O mais divertido é que a peça me lembra diariamente que a gente tem que ensaiar como se o holofote fosse chegar, mesmo quando na vida real ele está mais para luz de geladeira piscando. Porque se depender do barulho do mundo, da concorrência e das redes sociais, ninguém ouve nem o ‘ação!’”, brinca.

Rodrigo Fagundes, com carreira consolidada em teatro, TV e cinema, recorre às próprias memórias de início de trajetória para falar sobre o tema. “Me lembro de ter feito uma figuração no filme da Rosane Svartman, ‘Como Ser Solteiro’, quando estava no meu primeiro ano da CAL. Filmamos uma madrugada inteira. Eu estava tão feliz, tão artista, me sentindo um protagonista,

mas estava ali apenas para passar com uma bandeja e servir uma água para a personagem na cena. Saí radiante. Quando fui assistir no cinema, tinha virado o garçom ‘sem cabeça’ que passa ao fundo. Fiquei tão arrasado, mas hoje, vendo tudo que conquistei, agradeço por esse choque de realidade que tive lá atrás, pois vamos aprendendo que nossa profissão tem muitos momentos onde sua vocação é testada. Transformo tudo em combustível, reclamo de vez em quando, mas sigo em frente”, relembra.

SERVIÇO

OS FIGURANTES... E DEPOIS?

Casa de Cultura Laura Alvim (Av. Vieira Souto, 176, Ipanema)
De 9/1 a 8/2, sextas e sábados (20h) e domingos (19h)
Ingressos: R\$ 40 e R\$ 20 (meia)



Em ‘Os Figurantes...’ cinco atores calejados dão corpo e voz a aspirantes à fama que, verdade, estão em busca de visibilidade e reconhecimento

WAGNER TISO,

80



Maestro e arranjador, figura essencial do Clube da Esquina, que completou 80 anos em dezembro, apresenta show no Blue Note Rio que revisita memórias e canções de um movimento que transformou a MPB

AFFONSO NUNES

Wa g n e r Tiso sobe ao palco do Blue Note Rio nesta sábado (10), às 20h e 22h30, em apresentação que celebra seus 80 anos completados em dezembro. No cais de lembranças, o maestro criou o espetáculo “Wagner Tiso 80 – Memórias de uma Esquina”, revisitando em novos arranjos os clássicos do movimento que ajudou a criar e que revolucionou a música popular brasileira: o Clube da Esquina.

A história de Tiso se confunde com a história da própria música mineira que, a partir dos anos 1960, rompeu fronteiras geográficas e estéticas para se tor-

nar um patrimônio cultural brasileiro. Natural de Três Pontas, o pianista, compositor e arranjador foi figura essencial na construção daquele som inconfundível que nascia na esquina das ruas Divinópolis e Paraisópolis, no bairro Santa Tereza, em Belo Horizonte, onde jovens músicos se reuniam para criar, experimentar e sonhar com uma música que não se limitava a rótulos.

Como ponta de areia que se espalha e fecunda territórios novos, ao lado de Milton Nascimento, Lô Borges, Beto Guedes, Toninho Horta e Fernando Brant, Tiso ajudou a fundar uma escola musical que unia a sensibilidade mineira à sofisticação harmônica, o lirismo da canção brasileira à complexidade do jazz, a cultura popular à erudição.

Sua genialidade ao piano e

sua sensibilidade de arranjador deixaram marcas profundas em algumas das composições mais emblemáticas da MPB. Obras como “Cravo e Canela”, “San Vicente” e “Maria, Maria” carregam a assinatura refinada de Tiso, que soube traduzir em harmonias e timbres a poesia dos parceiros e a essência de um território musical único de rica arquitetura sonora.

A trajetória de Wagner Tiso é marcada por essa capacidade de operar em diferentes estilos musicais sem perder a coerência artística. Do mesmo coração de estudante que descobriu o piano nas Gerais até o maestro que conquistou palcos pelo mundo, construiu uma obra que mistura erudição, liberdade e brasilidade em doses perfeitas. Sua formação clássica nunca impediu a

experimentação, e sua abertura à improvisação jazzística nunca o afastou das raízes da nossa canção popular.

Sua versatilidade se estende ao universo audiovisual, onde construiu uma carreira sólida e premiada como compositor de trilhas sonoras para cinema e televisão.

O repertório do espetáculo é um reencontro do compositor com melodias e harmonias que emocionam o país até hoje. Tiso revisita os clássicos do Clube da Esquina, com o olhar de quem viveu essa história e continua a escrevê-la, adicionando notas de maturidade artística a obras imortalizadas.

Para esta noite especial, Tiso recebe a participação de Sanducka, cantor e intérprete mineiro que segue os passos de Tiso e

dos grandes expoentes do Clube da Esquina com sua mistura de jazz, o soul e a MPB. Ouvir Wagner Tiso e sua obra é presente que une sofisticação, emoção, e sensibilidade.

Para 2026, Wagner Tiso anunciou que planeja sair em turnê nacional com possíveis participações de Caetano Veloso, Djavan e Maria Bethânia; lançar um documentário sobre sua trajetória; e criar uma orquestra infantil por meio do Instituto Wagner Tiso.

SERVIÇO

WAGNER TISO 80 – MEMÓRIAS DE UMA ESQUINA

Blue Note Rio (Avenida Atlântica, 1910, Copacabana)
10/1, às 20h e 22h30
Ingressos a partir de R\$ 60

Com 45 anos de voo, 14 Bis pousa na Lapa

Banda mineira celebra trajetória no Circo Voador com repertório de sucessos; Malize, revelação da cena carioca, abre a noite

AFFONSO NUNES

Existem grupos que atravessam o tempo como quem conta histórias ao pé do fogo, mantendo acesa a chama de uma identidade sonora que se recusa a envelhecer. A 14 Bis é um deles. Formada em 1979 na efervescente Belo Horizonte, berço de movimentos musicais decisivos para a cultura brasileira, a banda desembarca no Circo Voador nesta sexta-feira (9) para uma noite embalada por seus grandes sucessos. Talento da novíssima geração de cantatores cariocas, Malize abre a noite.

A história do 14 Bis começa nas reuniões informais na garagem da casa dos irmãos Cláudio e Flávio Venturini, onde jovens



Patrimônio da música brasileira, o 14 Bis leva seus sucessos ao Circo. O jovem Maliza abre a noite

músicos experimentavam linguagens e buscavam uma voz própria em meio ao momento de efervescência musical do fim dos anos 1970. Desses encontros nasceu uma formação que se revelaria excepcional pela longevidade e coesão: Cláudio Venturini na guitarra e voz, Flávio Venturini em teclados, piano, violão e voz, Vermelho nos teclados e voz, Sérgio Magrão no baixo e voz, e Hely Rodrigues na bateria e voz. Juntos, gravaram o álbum de estreia homônimo em 1980, com



Thais Monteiro/Divulgação

produção assinada por Milton Nascimento, referência máxima da MPB e figura central do Clube da Esquina, movimento que redefiniu os rumos da música brasileira.

Com 16 álbuns lançados entre obras de estúdio e registros ao vivo, o 14 Bis decolou com um repertório de sucessos que atravessam décadas e continuam presentes no imaginário do público brasileiro. Canções como “Linda Juventude”, “Planeta Sonho”, “Todo Azul do Mar”, “Espelhos das Águas” e

“Mais uma Vez” estão na trilha sonora de muita gente.

A banda mantém até hoje praticamente a mesma formação original, caso raríssimo no rock brasileiro. A única exceção é Flávio Venturini, que em 1987 seguiu carreira solo, mas que eventualmente reencontra seus parceiros em shows e gravações especiais. Essa fidelidade ao projeto coletivo é um dos fatores que fazem do 14 Bis um grupo tão especial. Em reconhecimento a essa trajetória, o grupo foi declarado Patrimônio Imaterial da cidade de Belo Horizonte.

Abrindo a noite, o cantor, compositor e multi-instrumentista carioca Malize faz sua estreia na lona da Lapa apresentando “Amor Raro”, trabalho desenvolvido para expressar sentimentos existenciais fundamentais às relações humanas. Com letras que exploram o amor em suas diversas manifestações, Malize aborda encontros, desencontros, solidão, renascimento, afeto e cuidado, construindo uma narrativa sonora que transita entre gêneros como ijexá, xote, ska, funk, rock, reggae e MPB. Vale a pena ouvir este jovem cantautor.

SERVIÇO

14 BIS + Malize

Circo Voador (Rua dos Arcos, s/nº, Lapa)
9/1, a partir das 20h (abertura dos portões)
Ingressos: R\$ 160 e R\$ 80 (meia)

Roupa Nova sempre cai bem

Banda se apresenta nesta sexta e sábado com sua vasta lista de sucessos e faixas do novo EP autoral

O Roupa Nova volta aos palcos cariocas nesta sexta e sábado (9 e 10) no Vivo Rio com a turnê “Simplesmente Roupa Nova”. O espetáculo marca uma nova fase do grupo após a circulação nacional do show “Roupa Nova - 40 anos” e propõe um formato mais intimista, com interação direta entre músicos e plateia.

No palco, estarão Cleberson

Horsth, Kiko, Nando, Ricardo Feghali, Serginho Herval e Fábio Nestares. Este último integrou o grupo após o falecimento de Paulinho, membro fundador. Apesar da perda, a banda mantém a essência que a consagrou e segue como uma das poucas em atividade contínua no Brasil há mais de quatro décadas, preservando a identidade sonora característica.



Roupa Nova, em sua formação atual, volta ao Vivo Rio

O repertório revisita as canções que atravessaram gerações, como “Dona”, “Whisky a Go Go”, “Volta pra Mim” e “A Viagem”. O show também traz releituras de faixas conhecidas e momentos de participação do público. “Queremos conectar o público às memórias que

construímos juntos ao longo desses 45 anos, celebrando o presente e olhando para o futuro com muita música e emoção”, afirma Nando, baixista do grupo.

O show também trará faixas do EP “Nossas Canções”, trabalho de inéditas lançado pelo grupo há uma

semana. Cada faixa revela um universo próprio, mas é na soma de todas elas que se manifesta a essência que sempre definiu o Roupa Nova: a habilidade de reunir diferentes sensibilidades em uma identidade musical única.

A turnê circula por diversas cidades brasileiras e reafirma a longevidade artística do Roupa Nova, um grupo amado por seu público fiel e que segue na estrada com os arranjos vocais característicos e o repertório que consolidou a banda como referência da música popular brasileira. (A.N.)

SERVIÇO

ROUPA NOVA - SIMPLEMENTE ROUPA NOVA

Vivo Rio (Av. Infante Dom Henrique, 85, Parque do Flamengo)
9 e 10/1, às 21h
Ingressos a partir de R\$ 240 e R\$ 120 (meia)



Divulgação

Chico e João Faria celebram a trajetória musical de seus pais, que integravam o MPB4 e o Quarteto em Cy

Em nome dos pais

AFFONSO NUNES

Crescer numa casa onde Milton Nascimento aparecia para comer estrogonofe e compositores desconhecidos vinham mostrar suas canções aos pais pode pare-

cer uma rotina incomum. Mas para João e Chico Faria, filhos de Ruy Faria (MPB4) e Cynara Faria (Quarteto em Cy), essa foi a infância mais do que normal. Neste domingo, às 19h, os irmãos apresentam no Blue Note Rio o show “Mano a Mano”, um encontro que celebra mais de três décadas de trajetória musical in-

dividual e, agora, conjunta.

Numa família musical adotar um instrumento é meio que como aprender a andar de bicicleta. Na adolescência, João, o mais velho, teve aulas de violão com nomes como Célia Vaz, Luis Cláudio Ramos e Bia Paes Leme. “Embora eu não tenha feito fa-

Filhos de Ruy (MPB4) e Cynara (Quarteto em Cy) levam ao Blue Note Rio repertório afetivo que embala uma família musical

veio até mim”, ele costuma dizer. A migração para o baixo aconteceu por necessidade prática: os filhos de outros integrantes do MPB4 já haviam escolhido bateria e guitarra para tocar pop rock juntos. Faltava o baixista. Dessa formação nasceu, anos depois, a atual banda de apoio do próprio MPB4.

Chico seguiu caminho aparentemente oposto. Formou a Anesthesia, banda de heavy metal que tocava covers de Metallica e Sepultura, e conta que Cynara e Ruy compareciam aos shows. A distância entre o repertório dos pais e as escolhas iniciais dos filhos, porém, foi encurtando com o tempo. Ambos os irmãos passaram a acompanhar grandes nomes do samba e da MPB, como Dudu Nobre e Diogo Nogueira, construindo carreiras sólidas como músicos de apoio.

O projeto “Mano a Mano” representa o reencontro dos irmãos num palco que é, ao mesmo tempo, profissional e afetivo. O repertório revisita Tom Jobim, Chico Buarque, Milton Nascimento e Vinicius de Moraes, autores que marcaram não apenas a história da música brasileira, mas especialmente as trajetórias do MPB4 e do Quarteto em Cy, duas referências quando o assunto é grupo vocal. É também uma forma de homenagear o grupo materno, que fez sua última apresentação no Rio em 2019, encerrando uma trajetória de décadas. João e Chico levam ao palco técnica apurada, mas caregada de afeto.

SERVIÇO

JOÃO E CHICO FARIA - MANO A MANO

Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana)
Domingo, 19h
Ingressos a partir de R\$ 60

Quatro décadas de reggae com jeito brasileiro

A Fundação Progresso abre sua agenda de 2026 com um encontro entre duas gerações que ajudaram a construir a identidade do reggae brasileiro. Nesta sexta-feira (9) a casa recebe a Tribo de Jah, banda maranhense que completa 40 anos de carreira, com abertura do Digitaldubs, que celebra um quarto de século de atuação na cena soundsystem.

Nascida em 1985 em São Luís, a Jamaica Brasileira pela força de sua tradição reggae, a Tribo de Jah trouxe desde o início uma marca que a diferenciava no cenário nacional: parte de seus integrantes é formada por músicos cegos, característica

Tribo de Jah se apresenta nesta sexta na Fundação progresso

que nunca limitou a amplitude de seu alcance. Faixas como “Morena Raiz”, “Reggae na Estrada”, “Babilônia em Chamas” e “Uma Onda Que Passou” entraram no repertório afetivo de sucessivas gerações de ouvintes e levaram o grupo a apresentações na Europa, América Latina e Caribe.

O show na Lapa promete reu-



Divulgação

A Tribo de Jah nasceu em São Luís, conhecida como a Jamaica brasileira

nir os clássicos que marcaram essas quatro décadas ao lado de composições mais recentes, mantendo as temáticas de consciência, resistência e união que sempre nortearam o trabalho da banda. A abertura fica com o Digitaldubs, que desde 2001 desenvolve uma pesquisa sonora particular, fundindo dub e dancehall jamaicanos com elementos da música brasileira. Com bailes que ajudaram a pavimentar a cena alternativa carioca, o coletivo influenciou não apenas o reggae, mas artistas de diversos estilos que circulam pelo país. (A.N.)

SERVIÇO

TRIBO DE JAH

Fundação Progresso
(Rua dos Arcos, 24, Lapa) | 9/1, às 21h
Ingressos a partir de R\$ 70

No romantismo do Rei

Henrique Portugal e Conexão Rio celebram Roberto Carlos em show que revisita clássicos do cancionero romântico brasileiro

AFFONSO NUNES

A trajetória de Henrique Portugal como tecladista e um dos compositores do Skank durante três décadas parece (e é) bem distante do universo romântico de Roberto Carlos, mas é justamente dessa aparente contradição que nasce o show “As Canções que Não Fiz pra Ela”, que o músico apresenta ao lado da Conexão Rio nesta sexta-feira (9) no Manouche, com participação do saxofonista Zé Carlos Bigorna. O encontro propõe uma releitura do repertório do rei sob arranjos que transitam entre pop, reggae e bossa nova, afastando-se das versões orquestrais

consagradas pelo Rei.

O projeto revela uma faceta menos conhecida de Portugal, que desde o fim do Skank em 2020 tem se dedicado a trabalhos solos e colaborações que exploram terrenos distintos da música brasileira. Economista de formação pela PUC Minas, colunista de tecnologia e música no Estado de Minas e apresentador do After Podcast, o músico encontrou nas canções de Roberto Carlos um campo de investigação sobre as relações amorosas. “Durante muito tempo procurei entender o universo das relações amorosas, suas razões e seus sonhos. Foi através desta busca que cheguei ao rei da música brasileira, Roberto Carlos”, explica. “Suas canções com Erasmo,



Henrique Portugal se une aos músicos do Conexão Rio neste tributo a Roberto Carlos

seu jeito único de interpretar, como um contador de histórias vividas se tornou a trilha sonora de gerações. Os arranjos desta história musical, em sua maioria, têm o piano como instrumento condutor. Por todos estes motivos resolvemos fazer esta homenagem ao artista que mais conhece da alma feminina no Brasil”.

A Conexão Rio traz ao projeto sua experiência de 22 anos dedicados à bossa nova, samba jazz e MPB. O quarteto formado por André Ce-

chinel (piano), Fernando Barroso (baixo), Fernando Clark (guitarra) e Zé Mário (bateria) tem uma particularidade curiosa: dois de seus integrantes, André e Barroso, são médicos atuantes no Rio de Janeiro. O grupo já dividiu o palco com nomes como Raul Mascarenhas, Léo Gandelman, Celso Fonseca, Vinicius Cantuária e Vittor Santos, além do ator e cantor Marcelo Serrado. Seus dois álbuns registrados exploram a obra de João Bosco, em parceria com o saxofonista Raul Mascarenhas, e de Chico Buarque, com o trombonista Vittor Santos.

O repertório do show passeia

desde “É Proibido Fumar”, dos tempos iniciais de Roberto Carlos na Jovem Guarda até composições mais românticas como “Café da Manhã” e “As Curvas da Estrada de Santos”.

SERVIÇO

HENRIQUE PORTUGAL - AS CANÇÕES QUE NÃO FIZ PRA ELA

Manouche (Rua Jardim Botânico, 983, subsolo da Casa Camolese) | 9/1, às 21h
Ingressos: R\$ 260 e R\$ 130 (meia solidária, com doação de 1kg de alimento não perecível ou livro)

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Violão flamenco à moda uruguaia

O uruguaio Pablo Vares encerra seu ciclo no Rio com apresentação instrumental de violão flamenco e handpan na Casa com a Música, na Lapa, nesta sexta-feira (9), às 20h. Radicado no Brasil desde 2012, já se apresentou em oito estados e na Alemanha, atuando em 15 companhias de dança flamenca. Foi indicado a dois prêmios de melhor trilha sonora teatral e produziu músicas para o Big Brother Brasil 2022.



Rafa Costa/Divulgação

Ponto de Equilíbrio celebra 25 anos

A banda Ponto de Equilíbrio celebra 25 anos de trajetória com apresentação no Circo Voador neste sábado (10), às 22h. O show traz sucessos que marcaram a carreira do grupo criado em Vila Isabel, na zona norte carioca, incluindo “Árvore do Reggae”, “Aonde Vai Chegar (coisa feia)” e “Santa Kaya”, além de composições inéditas. A abertura dos portões está prevista para as 20h.



Divulgação

Ito Melodia comanda feijoada no Rival

O Teatro Rival Petrobras promove neste domingo (11), das 13h às 17h30, edição especial da tradicional feijoada com o intérprete Ito Melodia, cinco vezes vencedor do Estandarte de Ouro como Melhor Puxador do carnaval carioca. O evento, com patrocínio da Granfino, contará com apresentações musicais e participações de convidados especiais. O ingresso dá direito ao show e à feijoada completa.



Divulgação

Claudio Lins em modo romântico

O cantor, compositor e ator Claudio Lins apresenta o espetáculo “Histórias de Amor (de cortar os pulsos)” nesta sexta (9), às 20h, no Blue Note Rio. O repertório reúne clássicos da MPB como “O que será”, de Chico Buarque, e “A noite do meu bem”, de Dolores Duran, além de temas de novelas assinados por Djavan e Ivan Lins. O show inclui ainda canções dos Titãs, Cazuza, Tiago Iorc, 5 a Seco e composições autorais do artista.



Bárbara Furtado/Divulgação

SEXTOU! UM RIO DE

CONFIRA ATRAÇÕES CULTURAIS EM TODAS AS REGIÕES DA CIDADE

SHOW

EDSON CORDEIRO

✳O incrível cantor usa seu timbre raro para homenagear Carmem Miranda em show que estreou na Europa em 2007. Sex e sáb (9 e 10), às 19h30. Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33 - Cinelândia). A partir de R\$ 50

FERRUGEM

✳ O projeto Noites de Verão retoma sua programação com show do sambista carioca. A Banda Toda Forma de Amor e o DJ Tartaruga abrem a noite. Sáb (10), a partir das 22h. Morro da Urca (Praça General Tibúrcio s/nº - Praia Vermelha).

MIRANDA KASSIN

✳A cantora mergulha no repertório de Amy Winehouse com frescor e sofisticação com arranjos intimistas para as clássicas “Rehab”, “Back to Black”, “Tears Dry on Their Own”, “You Know I’m No Good” e “Valerie”, entre outras. Sex (2), às 22h30. Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana). A partir de R\$ 60

LU OLIVEIRA E TRIO SAMBA DÁ BOSSA

✳A cantora e compositora apresenta o melhor do samba e da bossa-nova por meio de clássicos de Tom Jobim, Vinicius de Moraes, Carlos Lyra, Baden Powell e Toquinho, entre outros. A artista estará acompanhada por Rogério Guimarães (guitarra), Alex Rocha (baixo) e Helbe Machado (bateria). Sáb (10), às 20h30. Beco das Garrafas (Rua Duvivier, 37 - Copacabana). R\$ 70

ALAFIÁ JAZZ CLUB

✳O quarteto promete uma noite de jazz sem abrir mão daquele tempero brasileiro. Dom (11), às 20h. Beco das Garrafas (Rua Duvivier, 37 - Copacabana). R\$ 70

DANÇA

ENQUANTO VOCÊ VOAVA, EU CRIAVA RAÍZES

✳Após cinco temporadas de sucesso, a Cia Dos à Deux retorna ao Rio para curta temporada deste espetáculo que conduz o público a uma jornada sensorial de corpos em diálogo com as artes visuais, o cinema, a dança e o teatro. Até 5/2, qua e qui (20h). Teatro TotalEnergies - Sala Adolpho Bloch (Rua do Russel, 804 - Glória). A partir de R\$ 50 e R\$ 25 (meia)



João Maria/Divulgação

Enquanto Você Voava Eu Criava Raízes



Divulgação

Marginal Genet

TEATRO

NÃO ME ENTREGO, NÃO!

✳O premiado monólogo com Othon Bastos, do alto de seus 91 anos, está de volta. Até 1/2, sex e sáb (18h) e dom (16h). Teatro Vanucci (Shopping da Gávea - Rua Marqus S. Vicente, 52, 3º andar). A partir de R\$ 50 e R\$ 25 (meia)

MARGINAL GENET

✳Montagem retrata o universo do autor francês no submundo de Paris. De 10/1 a 7/2, sáb (22h). Teatro Candido Mendes (Rua Joana Angélica, 63 - Ipanema). R\$ 100 e R\$ 50 (meia)

LAS CHORONAS

✳Experiência cênica que desafia convenções e amplia fronteiras da acessibilidade no teatro brasileiro. Até 8/2, qui a sáb (19h) e dom (18h). CCB Rio (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro). R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

IMPROVISA COMIGO ESTA NOITE

✳Claudio Amado conta com a participação espontânea da plateia para criar cenas inéditas e improvisadas. De 9 a 11/1, sex e sáb (20h e dom 19h). Teatro Café Pequeno (Av. Ataulfo de Paiva, 269). R\$ 40 e R\$ 20 (meia)



Necka Ayala/Divulgação

Edson Cordeiro

OPÇÕES DE LAZER

SUGESTÕES PARA SEXTOU@CORREIODAMANHA.NET.BR



Coyote



Ferrugem

DJAVAN, O MUSICAL: VIDAS PRA CONTAR

✳️ A riqueza musical e a história inspiradora de um dos cantores e compositores mais aclamados da música brasileira chegam ao palco um espetáculo idealizado por Gustavo Nunes, com direção artística de João Fonseca e autoria de Patrícia Andrade e Rodrigo França. Direção musical de João Viana e Fernando Nunes. Até 8/2, qui e sex (20h), sáb (16h30 e 20h30) e dom (18h). Teatro Claro Mais RJ (Rua Siqueira Campos, 143 - 2º Piso - Copacabana). A partir de R\$19,80

TOC TOC

✳️ Uma abordagem humorada e respeitosa sobre o Transtorno Obsessivo-Compulsivo. Até 18/1, sex e sáb (20h) e dom (19h). Teatro dos 4 (Shopping da Gávea - Rua Marquês de São Vicente, 52/265). R\$ 140 e R\$ 70 (meia)

COYOTE

✳️ Dois jovens solitários têm suas vidas profundamente transformadas após a misteriosa aparição de um animal selvagem. Até 1/3, qui a sáb (20h) e dom (19h). Teatro Poeirinha (Rua S. João Batista, 104, Botafogo). R\$ 100 e R\$ 50 (meia)



Misha e o Urso

EXPOSIÇÃO

UMA SEMÂNTICA DA DEVASTAÇÃO

✳️ Mostra reúne 38 trabalhos do pintor e escultor polonês Frans Karjcborg que, já nos anos 1970, denunciava os riscos ambientais do planeta e suas consequências para a vida de todas as espécies. O artista se notabilizou pelas obras com madeiras de árvores destruídas pela devastação ambiental nas florestas na Zona da Mata. Até 1/2, ter a sáb (10h às 20h), dom e fer (11h às 18h). Caixa Cultural (Rua do Passeio, 38). Grátis

DAR NOME AO FUTURO

✳️ Dani Cavalier e Nathalie Ventura trazem pontos de observação sobre formas de existir e permanecer no mundo. Até 1/3, ter a dom (11h às 19h). CCJF (Av. Rio Branco, 241). Grátis

VIVA MAURICIO!

✳️ Um mergulho imersivo no universo criativo em torno da obra de Mauricio Sousa, criador da Turma da Mônica e de dezenas de outros personagens. Até 13/4, de qua a seg (9h às 20h). Centro Cultural Banco do Brasil RJ (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro). Grátis

RETRATOS DO MEU SANGUE - SHIPIBO-KONIBO

✳️ A exposição apresenta o trabalho do fotógrafo peruano David Díaz González, nascido na comunidade nativa de Nueva Saposo. Até 8/2, ter a dom (11h às 19h). CCJF (Av. Rio Branco, 241). Grátis

GEOMETRIA VISCERAL

✳️ Panorama da produção de Gilberto Salvador que volta aos espaços expositivos cariocas. A mostra reúne cerca de 40 trabalhos. Até 1/3, ter a dom e fer (12h às 18h). Paço Imperial (Praça XV, 48). Grátis

FLÁVIO CERQUEIRA - UM ESCULTOR DE SIGNIFICADOS

✳️ O escultor paulista apresenta pela primeira vez no Rio uma individual com mais de 40 obras em bronze, incluindo três inéditas numa contemplação e reflexão sobre temas como identidade, raça, classe e afeto. Até 18/1, qua a seg (9h às 19h). CCBB RJ (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). Grátis

RIOS DE LIBERDADE

✳️ Exposição celebra os 200 anos da independência do Uruguai reunindo 14 artistas da colagem uruguaios e brasileiros que utilizam imagens do acervo histórico do Centro de Fotografia de Montevideu como matéria-prima para registrar a memória visual de um país em transformação. Até 8/2, ter a dom (11h às 19h). Grátis

LIVROPOEMA/POEMALIVRO

✳️ A mostra apresenta livros de artista criados por Gabriela Irigoyen, que subvertem a estrutura tradicional do livro com experiências visuais, sensoriais e poéticas. Até 1/3, ter a dom 11h às 19h. CCJF (Av. Rio Branco, 241). Grátis

IRIDIUM

✳️ A ceramista Débora Mazloum apresenta suas “cerâmicas paramagnéticas”, criadas a partir de misturas de materiais como argila, metais ferrosos e magnetita. Até 10/1, qua a sáb (12h às 17h). Abapirá (Rua do Mercado, 45 - Centro). Grátis

EVENTO

OFICINA DE PERCUSSÃO

✳️ Como parte da programação de Verão e esquentando o clima para o Carnaval, a Fundação Progresso oferece oficina gratuita de percussão com o Rio Maracatu. Sáb (10), das 15 às 17h. Rua dos Arcos, 24 - Lapa. Grátis

INFANTIL

MAGIC WORLD EXPERIENCE

✳️ Inspirado no universo Disney, o parque temático chega à cidade com uma estrutura de 10 mil m², reunindo espetáculos teatrais, personagens clássicos, oficinas criativas, brinquedos, experiências sensoriais e diversão para toda a família. Até 16/1, seg a dom (15h às 22h). Estacionamento do Bangu Shopping (Rua Fonseca, 240). A partir de R\$ 50

MASHA E O URSO

✳️ Nesta versão teatral da série que é fenômeno de audiência no YouTube (25 bilhões de visualizações), Masha, o Urso e os amigos da floresta vivem uma história de lealdade e coragem. Até 22/2, sáb (10h e 12h30) e dom (11h e 14h). Teatro Claro Mais RJ (Rua Siqueira Campos, 143 - 2º Piso - Copacabana). A partir de R\$ 50

INVENTAMUNDOS

✳️ Inspirado nas bonecas de papel e nas histórias em quadrinhos infantojuvenis, o laboratório criado pela equipe de arte-educadores do CCBB Educativo desenvolve a criatividade do visitante e criar um personagem original com história, cenário e roupas customizadas. Sáb e fer (15h e 17h), dom (11h, 15h e 17h). CCBB RJ (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). Grátis

FORMAS DO MANGUE

✳️ A atividade lúdico-educativa convida o público a investigar o universo dos manguezais por meio da criação de esculturas inspiradas nas formas dos mangues e de sua fauna e flora. Utilizando argila, plantas secas e gravetos, cada participante desenvolverá sua própria interpretação desse ecossistema. Sáb e fer (15h e 17h), dom (11h, 15h e 17h). CCBB RJ (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). Grátis

Xangrilá de Hollywood

Dedicado há 65 anos a receber a festa do Globo de Ouro, o Beverly Hilton abre suas alas de luxo neste domingo à 83ª edição do prêmio, que pode consagrar o Brasil de 'O Agente Secreto'



Nikki Glaser volta a comandar a premiação



RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Desde o dia 5 de janeiro do ano passado, quando Viola Davis chamou Fernanda Torres para buscar a estatueta de Melhor Atriz por seu desempenho em "Ainda Estou Aqui", o Beverly Hilton, Xangrilá de elegância entre os hotéis da Califórnia, responsável por sediar a festa anual do Globo de Ouro há 65 anos, ganhou um status de lar para o cinema brasileiro. Nossa torcida cinéfila está concentrada lá, mais uma vez, à espera da 83ª edição do prêmio concedido pela imprensa especializada na cobertura da produção audiovisual, agora no aguardo de boas novas para "O Agente Secreto".

Neste domingo, aquele espaço sagrado onde o longa-metragem de Walter Salles pavimentou (de vez) a sua estrada para o Oscar, em 2025, volta a hospedar os sonhos cinéfilos do Brasil, centrados no thriller dirigido pelo pernambucano Kleber Mendonça Filho.

Comandada pela atriz Nikki Glaser, a cerimônia começa a ser televisionada a partir das 21h30 (no horário de Brasília), e será transmitida ao vivo. Lá fora, a transmissão se dá pela rede CBS (na TV) e no streaming Paramount+. Aqui, será possível assistir na TV Globo, logo após o "Fantástico", na TNT (TV a cabo) e na plataforma HBO Max.

A produção ambientada no Recife de 1977 concorre aos troféus de Melhor Filme, Melhor Filme Estrangeiro e Melhor Ator, à força do desempenho do baiano nascido da cidade de Rodelas Wagner Moura.

A inauguração formal do Beverly Hilton, onde Wagner e Kleber estarão, foi realizada em 11 de agosto de 1955, com a presença de seu

construtor, Conrad Hilton (1887-1979). Vice-presidente dos EUA na época, Richard Nixon (1913-1994) presidiu o hasteamento da bandeira americana em suas fundações. Lá foram filmados cults como "Viver ou Morrer em Los Angeles" (1985) e "Argo" (2012). O hotel provou ser um sucesso imediato e o seu salão de baile, Bali Room, teve o seu tamanho duplicado em 1957, a um custo de US\$ 400 mil, o que o levou a ser reaberto (com pompas) em 1958, com o nome International Ballroom, com 1.700 lugares.

É lá que a Golden Globe Foundation anuncia seus ganhadores, em cinema e em TV, divididos, na maioria das categorias, em dois hemisférios: Drama (que também comporta narrativas de terror) e Comédia/Musical. No primeiro hemisfério, os títulos com mais indicações são o norueguês "Valor Sentimental" ("Affeksjonsverdi"), disputando em oito frentes, e o americano "Pecadores" ("Sinners"), de Ryan Coogler, um longa de vampiros, concorrendo a sete troféus. No âmbito Comédia/Musical, "Uma Batalha Após A Outra" ("On the Battlefield"), de Paul Thomas Anderson, entra em campo com nove nomeações. No domingo passado, ele ganhou o Critics' Choice Awards, que escolheu "O Agente Secreto" como Melhor Filme de Língua Estrangeira.

Há tempos, acabou-se a lenda de que quem ganha o Globo dourado levará o Oscar, sem tirar nem por. Muitas produções aclamadas lá no Beverly Hilton, na sequência, ficaram à míngua na festa da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood, que tem o seu próprio colegiado, tipo "Babel", "Dreamgirls" e "1917". Quem mais influencia a aritmética que leva um longa-metragem ou um(a) artista a se "oscarizar" são associações sindicais dos EUA, sobretudo o Screen Actors Guild e o Producers Guild of America. O número de votantes de ambas é alto.

No entanto, vencer o Globo de Ouro assegura a quem ganha maior visibilidade do mercado, com aumento potencial de venda de ingre-



A suntuosidade do Beverly Hilton

so e crescimento em popularidade, fora o prestígio de passar no crivo de cerca de 300 votantes, de 76 países. Isso faz a massa de acadêmicas/os de Hollywood repensarem pré-conceitos (e preconceitos).

Um novo horizonte se abriu

para a premiação, desde que a Golden Globe Foundation tomou as rédeas dessa tradicional consagração ao esforço artístico num momento em que sua gestora anterior, a Hollywood Foreign Press Association (HFPA), estava em crise. Uma

renovação se fez ali, a partir do Beverly Hilton.

Devassada por polêmicas na chegada dos anos 2020, a HFPA abriu suas portas em 1943, com o objetivo de estimular a circulação de notícias ligadas ao mais popular



Wagner Moura e Kleber Mendonça Filho no set de 'O Agente Secreto': ator e realizador podem fazer história neste domingo em Los Angeles



Imagem da cerimônia de 1960, antes de o Beverly Hilton sediar a festa



O Beverly Hilton acolhe as celebridades das telas

motel platônico do século XX – o cinema – para além dos muros dos Estados Unidos, tendo como principal chamariz de seu trabalho a organização de um prêmio anual: o tal Globo de Ouro. A primeira cerimônia em que a láurea foi con-

cedida ocorreu em 1944, no estúdio 20th Century Fox, de olho nos magnatas da indústria. Seu primeiro vencedor foi “A Canção de Bernadette” (“The Song of Bernadette”), que conquistou vitórias nas disputas de Melhor Filme, Direção (Henry

King) e Atriz (Jennifer Jones). Seu troféu – caracterizado por uma reprodução da esfera terrestre rodeada por uma película de filme cinematográfico – teve vários designers ao longo das últimas oito décadas. A versão distribuída atualmente pesa cerca de 3,5 quilos; é feita de latão, zinco e bronze; mede 11,5 polegadas, acoplando-se a uma base retangular, vertical, de notável elegância. De 1950 até 2022, guerras internas – de egos e de condutas profissionais questionadas em parâmetros éticos – quase levou a festa de entrega dessa estatueta à extinção, sob a acusação de abusos de poder, falta de representatividade (das populações negras, asiáticas, indígenas) e sexismo. Brendan Fraser, oscarizado por “A Baleia”, em 2023, foi um dos mais críticos opositores ao que se fazia nos bastidores dessa estatueta.

A ameaça de cancelamento reinou sob as cabeças da HFPA até uma revitalização, em 2023, já sob as engrenagens da Golden Globe Foundation. Essa lanterna (ética e estética) dá ao contingente de profissionais de mídia envolvidos em sua realização a chance de abrir as atividades para 2026 abençoada por toda a nata do entretenimento. Com a reformulação, a compo-



Fernanda Torres recebe de Viola Davis o prêmio de Melhor Atriz na cerimônia de 2025 por seu desempenho mágico em 'Ainda Estou Aqui'

sição de seus integrantes com direito a voto se ampliou e se diversificou em esfera multicultural, o que leva à crença de que o ganhador da Palma de Ouro de 2025, “Foi Apenas Um Acidente” (“Un Simple Accident”), drama político com toques de suspense do realizador iraniano Jafar Panahi, possa vencer os Globos de Melhor Direção, Melhor Roteiro e até a de Melhor Filme de Drama, derrotando “O Agente Secreto”. Isso seria impensável no passado. Hoje, não. Panahi, diretor de “O Balão Branco” (1996), famoso por suas lutas contra as arbitrariedades do governo do Irã (que o sentenciou à prisão, caso ele lá volte, na semana passada), não era o tipo de artesão autoral que passava no crivo do Globo dourado de outrora. Agora é.

Na premiação do Círculo de Críticos de Nova York, Panahi chegou a ironizar Jair Bolsonaro, numa declaração em que demonstrou carinho por “O Agente Secreto” e expôs seu desdém por políticos de extrema direita. Seu longa, já em cartaz no Brasil, hoje é visto como um potencial vencedor de muitas premiações hollywoodianas. Vale a mesma lógica para o experimento transcendental espanhol “Sirâr”, do galego Oliver Laxe, centrado na busca de um pai por sua filha numa rave no deserto.

Não há mais estagnação nos Globos de Ouro e Kleber Mendonça sabe disso. Ele foi repórter de cinema em Pernambuco, dos anos 1990 até o princípio da década passada. Cobriu Cannes por anos a fio antes de exibir seus filmes por lá, de onde saiu com o Prêmio de Melhor Direção em maio. “Os anos como crítico foram importantes para a minha formação artística porque tinha de ver muitos... muitos filmes”, disse Kleber no Festival de Marrakech. “Hoje vemos apenas os filmes que queremos ver; mas como crítico, eu também via filmes que, em circunstâncias normais, nunca escolheria. E ao vê-los, fazia descobertas. Vê-se um grande número de filmes e depois exerce-se a escrita sobre eles. Fiz isso durante 13 anos. Tornou-se um exercício

constante e, a partir dele, eu pude compreender o que a cultura está a fazer conosco. Para mim, crítica é isso: medir a temperatura cultural. Pode aplicar-se à música e à literatura também. Mesmo uma comédia romântica comercial pode ser interessante como termômetro do mundo. Depois fiz os meus curtas e chegou o momento de preparar o primeiro longa, ‘O Som ao Redor’. Senti que era a altura certa para mudar. Lembro-me de abandonar a crítica numa sexta-feira e começar a pré-produção no sábado seguinte. Foi como deixar de fumar”.

Indicado à Palma de Ouro antes com “Aquarius”, em 2016, e com “Bacurau”, que lhe rendeu o Prêmio do Júri de Cannes em 2019 (em codireção com Julianou Dornelles), Kleber foi agraciado na Croisette este ano também com o Prêmio da Crítica da Federação Internacional de Imprensa Cinematográfica (Fipresci) e com uma láurea especial da Associação de Cinemas de Arte e Ensaio da França. Wagner Moura, estrela de “O Agente Secreto”, foi escolhido como Melhor Ator pelo júri cannoise que teve a atriz francesa Juliette Binoche como presidente.

Na trama de “O Agente Secreto”, ele chega num fusquinha no Recife de 77, atendendo pelo nome de Marcelo, para integrar o estafe de uma repartição onde registros de identidade são tirados e arquivados. Busca uma evidência sobre sua mãe, uma mulher de origem pobre que engravidou dele numa transa com um patrão rico. Tem um filho que deseja tirar de lá e levar para viver consigo. O tal Marcelo esconde um segredo que envolve a disputa por uma patente científica da universidade pública, na qual era professor e pesquisador. Assassinos estão em seu encalço. Uma entidade que protege desafetos de Geisel, o ditador de então, zela por ele, sob uma premissa: “precisamos te proteger do Brasil”.

Resta saber qual será a sorte do Brasil no Beverly Hilton. No próximo dia 22, saem as indicações para o Oscar, que entrega suas estatuetas no dia 15 de março.

ENTREVISTA | BUDA LIRA

ATOR

‘Tenho tido a oportunidade de circular pela produção de figuras que admiro’

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Com uns 40 filmes no currículo e pelo menos uns dez prêmios de peso (entre eles um troféu do Fest Aruanda por sua esplendorosa atuação em “Suspiro”), o paraibano Buda Lira tem sempre espaço nobre no cinema do pernambucano Kleber Mendonça Filho, como comprova a figura acolhedora, mediadora de conflitos, chamada Anísio, vivida por ele em “O Agente Secreto”. A turma que integra o contingente de 1.143.727 espectadoras/es contabilizado por esse filmaço nas salas de todo o Brasil, desde sua estreia, em 6 de novembro, sabe que Anísio esconde no alvissareiro sorriso de chefe de repartição pública mais do que acolhimento. Ele é uma chave para a segurança do personagem de Wagner Moura, em sua volta ao Recife de 1977.

Sempre existem camadas extras nos personagens que Kleber oferece a Buda - nascido Ronald Lira de Souza, há 70 anos. Ele aparece em “Aquarius” (2016) e “Bacurau” (Prêmio do Júri em Cannes, em 2019) e brilha em muitos outros curtas e longas com CEP nos estados do Nordeste. Seu talento colossal, efervescente em sua voz mansa e olhar plácido, enlaça qualquer câmera.

Sua família é apinhada de artistas. A irmã, Soia Lira, atriz premiada, atua em “Central do Brasil” (1998) e “Pacarrete” (2019). Nanego Lira, seu irmão, é ator de peso e foi o padre Zezo das novelas “Mar do Sertão” e “No Rancho Fundo”. Outros dois de seus manos lecionam: Bertrand Lira, que também é roteirista e diretor de cinema, e Domingos Sávio, que é professor de arte e, eventualmente, ator. Numa troca de zaps e emails de João Pessoa, onde vive, Buda fala ao Correio da Manhã sobre sua parceria com um dos cineastas mais inquietantes do planeta hoje.

O que a figura de Anísio, funcionário público de carreira que age como ponte para a proteção do personagem de Wagner Moura em “O Agente Secreto”, simboliza sobre o Brasil dos anos 1970 e o que ele reflete do Brasil de hoje?

Buda Lira - Anísio tem senso de humor, é empático, é solidário... É uma figura com o senso de responsabilidade e de compromisso, coisa que a situação do país exige. Muito necessário em qualquer tempo e espaço. Claro, que agora, nos dias de hoje, como antes, são fundamentais

esses valores, para que eles contribuam para uma convivência civilizada num país que, de fato, enfrente os seus maiores desafios e, digamos, as nossas crônicas chagas sociais.

Que memórias de sua infância ou juventude você guarda daquele pedaço dos anos 1970?

São tantas que é difícil achar o ponto de partida. Lembro muito dos tempos em Cajazeiras, no alto sertão paraibano. Lembro da iniciação no teatro, dos bailes nos clubes, das festas de rua, do cinema que ficava a 100 metros da minha

“Essa movimentação solar de Kleber no Nordeste empresta uma grande força à cultura da região e do país”

BUDA LIRA

casa, no centro da cidade. Lembro da transição para estudar na capital, no final de 1972, e da figura do meu pai, Major Chiquinho, um funcionário público da Receita Estadual da Paraíba, exemplar na sua profissão e muito humorado. A “patente” de Major ele ganhou dos amigos nas biritas, quando jogava com o seu bom humor. Era conhecido como Chico Guarda. Guarda Fiscal era a profissão dos atuais auditórios fiscais nos estados. Numa das noites, resolveram “batizar” de Major. Era uma figura solidária, ativo na política e na boemia da cidade, em Cajazeiras-PB.

Quando e por que Ronald virou Buda?

Entre os 4 a 6 anos, aproximadamente, vivi na cidade de Uiraúna (PB), onde nasci, bem perto de Cajazeiras. Meu pai, funcionário público, havia se transferido para lá. No começo da noite, era comum as

famílias botarem as cadeiras na calçada para esperar o vento “Aracati” e, claro, comentar as histórias e as estórias da cidade. Um dentista, em uma destas ocasiões, reparou que eu sentava em posição semelhante ao de “Buda meditando”. E pôs esse nome. Meu segundo e definitivo batismo.

O que o Kleber Mendonça Filho, seu diretor recorrente, representa hoje para o Nordeste, como símbolo de expressão artística? O que existe de mais valioso no trabalho dele?

Muito se fala na contemporaneidade do seu trabalho: um cinema político, sofisticado e de grande alcance. Essa movimentação solar de Kleber no Nordeste empresta uma grande força à cultura da região e do país, num momento em que são necessárias referências como a dele e de outros nomes expressivos

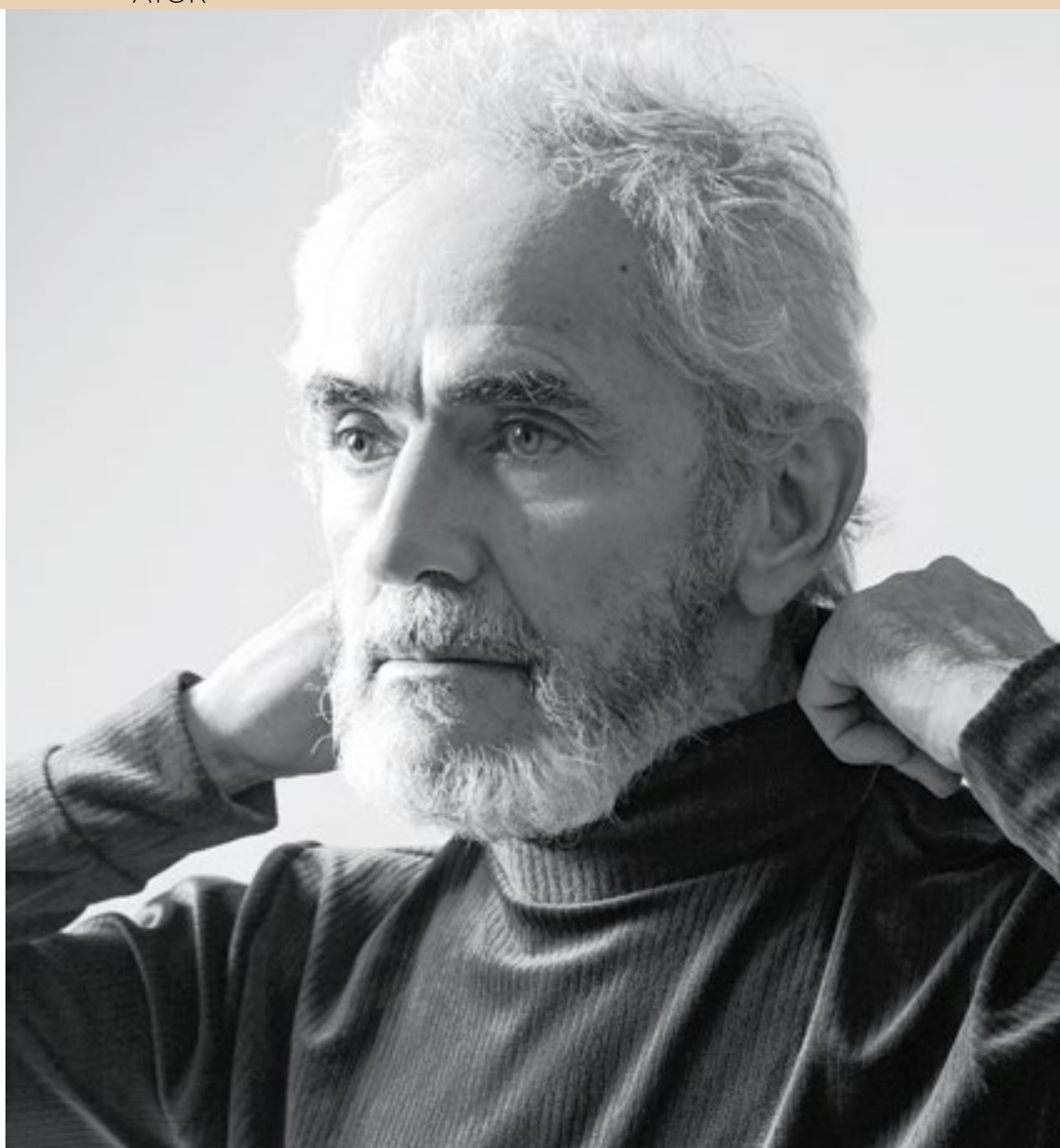
que atuam nos diferentes estados, principalmente na relação com o grande público.

Você tem filmes novos de Torquato Joel (“Corpo da Paz”) e o de Frederico Machado (“Terra Devastada”) como destaques recentes no currículo. O que mais tem para estrear ou filmar?

Tenho tido a oportunidade de circular pela produção de figuras que admiro e que são referências no cinema do Nordeste e, às vezes, em outras regiões, seja fazendo longas ou curtas-metragens. Aqui na Paraíba e em Alagoas, aguardo ansioso pela estreia do filme “O Braço”, de Ian Iabé, e “Treme Terra”, de Werner Salles, respectivamente. No último trimestre do ano passado, fiz um filme em Tocantins: “Sobre Dora e Dores”. É a estreia no cinema de um casal que atua no teatro e na produção cultural em Palmas: Bell Gama e Kaká Nogueira. Todos esses três trabalhos devem estrear ainda neste ano de 2026.

Como você avalia a cena cultural paraibana hoje?

Buda Lira: Na cena cultural na Paraíba, é possível identificar um movimento forte nas áreas do audiovisual e da música como vanguardas das diferentes expressões. O que temos como maior desafio é fazer com que as muitas produções que pulsam em diferentes setores cheguem ao grande público. Aqui na Paraíba e em todo o país.



Eduardo Brito/Divulgação



Acervo pessoal

Silvio Tandler para sempre na saudade da gente

Eternamente Tandler

O papa do documentário histórico no país ganha a grade da TV Brasil, recebe homenagem póstuma da ACCRJ e ocupa streamings, enquanto sua filha luta para preservar sua obra

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Tem Silvio Tandler (1950-2025) na TV Brasil neste sábado (10), ainda que seu alcance vá além da tela. Às 21h, a televisão aberta vai entender porque “Glauber – O Filme: Labirinto do Brasil” ganhou o Prêmio da Crítica, venceu o Júri Popular e foi agraciado com a Láurea do Centro de Pesquisadores no encerramento do Festival de Brasília de 2003. Saiu de lá para a Croisette, a fim de representar o documentário nacional em Cannes, sob a inquietude de seu realizador, que morreu há quatro meses, sem pedir licença à nossa saudade.

A partida do cineasta e professor, no dia 5 de setembro, decorrente de complicações do diabetes, não eclipsou sua pre-



Divulgação

“Glauber - O Filme - Labirinto do Brasil” foi exibido em Cannes e ganhou prêmios no Festival de Brasília

sença em (muitas) telas, tampouco freou a luta diária de sua filha, a produtora Ana Rosa Tandler, a fim de levar adiante os projetos inacabados dele, lançar (o ainda inédito em circuito) “Brizola –

Anotações Para Uma História” e preservar um legado pautado na revisão crítica (e poética) do passado. Essa peleja, contudo, tem sido dura.

“Mais do que um acervo, meu pai me deixou uma missão. Dar continuidade ao trabalho dele é honrar o homem sensível, generoso e profundamente compro-

“Mais do que um acervo, meu pai me deixou uma missão. Dar continuidade ao trabalho dele é honrar o homem sensível, generoso e profundamente comprometido com a memória do Brasil”

ANA ROSA TANDLER

metido com a memória do Brasil”, diz Ana Rosa, preocupada com a preservação dos feitos em película de Silvio.

Ela vem buscando patrocinadores para digitalizar as imagens reunidas pelo documentarista de maior bilheteria do cinema de não ficção do país e, em seguida, depositar seu material em um órgão público que faça honra à sua potência artística. Muito “não” apareceu no caminho dessa corrida. Ela hoje está à espera do resultado do edital de distribuição e comercialização do Ministério da Cultura (MinC) para ver se é possível levar o longa sobre o líder político Leonel Brizola (1922-2004) à telona. Sua projeção no Festival do Rio de 2024 foi ovacionada, lotando poltronas, impondo o uso de cadeiras extras. A incerteza no porvir dos editais é árdua, mas Ana Rosa não desiste. Resistir está no seu DNA. Sorte que alguns anjos da

guarda têm surgido.

No dia 20 de dezembro, a Associação de Críticos de Cinema do Rio de Janeiro (ACCRJ) votou seu ranking de Melhores de 2025 (com “O Agente Secreto”, de Kleber Mendonça Filho, nas cabeças) e anunciou tributos a medalhões cinematográficos que partiram no ano passado. Silvio é um deles e vai ganhar projeção de um de seus longas, “Utopia e Barbárie”, de 2009, na mostra organizada pela instituição de jornalistas. A sessão ficou para 21 de fevereiro, às 14h30, na Caixa Cultural, ao lado de “Chuvas de Verão” (1977), de Carlos Diegues (1940-2025), outro de nossos titãs, morto há onzes meses.

“A ACCRJ tem como principal objetivo celebrar o cinema em sua plenitude. E Silvio Tandler é um dos grandes realizadores do cinema nacional, traduzindo o espírito inquieto da narrativa e linguagem brasileiras com maestria”, diz a presidente da ACCRJ, a crítica Ana Carolina Garcia.

Aclamado como o mais ativo representante da História entre os artesões autorais a filmar docs em língua portuguesa, Silvio entrou no clube do milhão numa época em que exibidores não davam bola para narrativas que não fossem ficcionais. Seu “O Mundo Mágico dos Trapalhões” (1981) somou 1.892.117 pagantes, tornando-se um caso raro de blockbuster de um segmento que (muito) raramente ultrapassa 250 mil espectadores. Hoje na Prime Vídeo da Amazon, esse longa-metragem retrata Didi, Dedé, Mussum e Zacarias em suas vidas fora das câmeras. Ainda nos anos 1980, em meio ao processo de redemocratização, Tandler lotou cines com “Os Anos JK – Uma Trajetória Política” (1980), que totalizou 800 mil espectadores, e “Jango” (1984), que contabilizou cerca de 1 milhão de entradas vendidas. Na dramaturgia de ambos, ele contrapôs o otimismo da era pré-1964 à sisudez do regime militar. Completou sua “Trilogia Presidencial” com “Tancredo: A Travessia”, lançado no festival É Tudo Verdade, em 2011. Em meio à euforia comercial de seus maiores êxitos, ele fundou a produtora Caliban e marcou seu nome na docência, lecionando por anos a fio na PUC-Rio. “A verdade vai aflorar com outras tecnologias”, dizia ele a estudantes.

“O conhecimento do passado é essencial para o futuro”, disse Silvio ao Correio da Manhã, quando finalizou o filme sobre Brizola. “A vida não é uma folha de papel em branco”.

Nessa sua última conversa com o jornal, o cineasta contou que deixou inacabado um filme sobre Pontos de Cultura, então em gestação. Segundo Ana Rosa Tandler, o longa se chama “Pontos de Partida” e está sendo finalizado pelo produtor Claudio Kahns.



Ricky Gervais não faz concessões e mantém seu humor corrosivo mesmo após uma enxurrada de reclamações de assinantes junto a Netflix

Ricky Gervais

testa limite do riso após cancelamento

Com seu humor ácido e refinado, ator e roteirista britânico retorna à Netflix com o stand-up 'Mortalidade'

THALES DE MENEZES
Folhapress

O britânico Ricky Gervais está a caminho de se tornar o Roberto Carlos da Netflix. Na virada do ano, lançou mais um especial de stand-up na plataforma, "Mortalidade", e já declarou que pretende fazer outro no fim de 2026. O anterior, "Armageddon", estreou no final de 2023. Diante da repercussão que costuma gerar após uma hora de piadas disparadas em ritmo de metralhadora, o lançamento anual parece um passo natural.

Neste que é o quarto especial dele para a Netflix, havia muita expectativa sobre os "limites" de seu texto. Em "Armageddon", as piadas sobre crianças com câncer causaram a maior manifestação negativa de qualquer programa exibido em streaming. Mesmo um ano depois, a plataforma ainda recebia pedidos para sua retirada do catálogo, o que não aconteceu.

No novo "Mortalidade", crianças com câncer são poupadas por Gervais. Mas isso não se aplica a autistas, anões, idosos, cegos, bebês deformados, pessoas com TDAH, imigrantes e até marginais brasileiros - o comediante usa a figura de um

sequestrador em um trecho do show sobre apologia da pena de morte. Nomes famosos são alvos de narrativas pesadas, como Gandhi, Stephen Hawking e Anne Frank - personagem da melhor piada do especial.

Com esse repertório à primeira vista ultrajante, Gervais mantém tanto sua popularidade quanto o prestígio junto à crítica, apoiado em um uso afiado de inteligência e perspicácia. Nada soa como ofensa gratuita. Ele constrói situações - muitas delas plausíveis - em que o preconceito e a humilhação permanecem latentes na conversa até serem disparados no instante exato. Sem entrar em muitos "spoilers", vale citar um exemplo.

Gervais reclama do péssimo sinal de celular em sua mansão na Inglaterra. Ele disse ter descoberto que isso acontece porque seus vizinhos não colocam antenas em seus jardins com a justificativa de que as conside-

ram feias e que ficar próximo a elas poderia causar câncer. "Sugeri à prefeitura que procurássemos um morador cego e que já tem câncer. Podemos colocar a antena horrorosa no jardim de sua casa. Nem precisamos contar para ele."

Assim é o humor desse ator e roteirista britânico. Existe uma lógica construtiva da piada. Enquanto ele está falando, às vezes é muito difícil prever no que vai dar, mas, quando a piada vem, é matadora. E ele demonstra um enorme poder de perceber a capacidade das pessoas se perderem em situações constrangedoras em seus próprios discursos. Ele já demonstrava isso quando escrevia os roteiros da mítica série "The Office", de 2001 a 2003, sua maior criação.

O especial tem momentos antológicos, como quando Gervais sugere a existência de um fazendeiro antirracista dono de escravos antes da abolição nos

Estados Unidos. O personagem prega ser "o escravocrata mais bacana da história", enumerando o que pensa ser coisas boas que oferece a seus escravos. No entanto, todas elas são cruéis e fascistas - este é o último "spoiler" deste texto.

Se a carga de humor cínico e refinado é mais do que suficiente para inserir "Mortalidade" na categoria das atrações obrigatórias no streaming, é fato que este especial é o mais irregular de todos produzidos por ele para a Netflix. Não há um tema específico conduzindo todo o roteiro. Ele mesmo admite em determinado momento que o título não faz muito sentido.

Forçando a barra, é possível admitir que a evolução da ética e da moralidade é talvez o tema mais recorrente, mas ele muda de assunto de forma abrupta. Por duas vezes, ele deixa escapar um "preciso melhorar isso" após uma piada. Há um demorado bloco no qual ele imagina como deve ser a vida do inferno, que pode ser a pior coisa que ele já desenvolveu querendo fazer os outros rirem.

É bom ressaltar que existe um bônus para cinéfilos. Ele relata conversas absurdas que teve com os advogados do Globo de Ouro, revelando que os dobrou com sua lábia e nunca teve uma piada censurada nas cinco vezes nas quais apresentou a cerimônia do prêmio, mesmo com piadas corrosivas sobre os astros na plateia.

vemviver + cultura

Iniciativas para aplaudir de pé e pedir bis.
Como o maior acelerador de cultura do estado, o Sesc RJ incentiva os artistas e o público por meio de uma programação variada: são shows, espetáculos de teatro, dança e circo, exposições, exhibições de filmes, atividades literárias, cursos, oficinas e muito mais. O Sesc inspira cultura, e a cultura inspira você. **Vem viver o Sesc RJ.**



VEM SABER +



sescrj.org.br/cultura

portalsescrj sescrj sescrj



A maior marca
de bem-estar
social do RJ

GASTRONOMIA | NATASHA SOBRINHO

(@RESTAURANTS_TO_LOVE) ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Pratos em modo verão

Saladas, carpaccios, ceviches e crudos ganham espaço nos menus da estação



P'Alma



Kitchin

BALEIA RIO'S - Com vista privilegiada da Baía de Guanabara, Pão de Açúcar, Corcovado e até Niterói o restaurante oferece em seu cardápio os sabores frescos do mediterrâneo como as entradas de Tartar de Atum (R\$ 74), servido com pipoca de quinoa e mel trufado; e o Ceviche Tropical (R\$ 82 - foto), preparado com peixe do dia, leite de tigre de caju e pedaços de caju fresco. Av. Infante Dom Henrique, s/nº - Flamengo. Tel: (21) 3648-7008.

KINJO - Na casa nikkei, em Copacabana, o ceviche ganha versões com acento oriental. Entre as opções, destaque para o Clássico Kinjo (R\$68) com peixe branco, lula, leite de tigre e batata doce; o Kunsei (R\$65) com atum na brasa, cebolinha, nori crocante e molho ponzu; e o ceviche da casa, Kinjo (R\$ 65 - foto) com salmão, kyuri e quinoa ao molho cítrico. Rua Duvivier, 21 -

Com as temperaturas em alta, os pratos frios ganham protagonismo nos cardápios do Rio. Além das saladas fartas, opções como ceviches, crudos, carpaccios e pokes aparecem com força, valorizando ingredientes frescos, preparos leves e apresentações vibrantes. Pensando nisso, o Correio da Manhã preparou um roteiro especial com endereços que apostam em opções refrescantes para enfrentar os dias quentes de verão carioca. Confira abaixo:



Mare Mare Pane e Vino



Sobrado da Cidade

Copacabana. Tel: (21) 2143-5059.

KITCHIN - O verão é marcado por dias quentes e busca por pratos refrescantes, e, pensando nisso, a casa destaca pratos com preparações leves e frescas com opções como a Salada Wasabi (R\$ 68), com romana baby, atum, abacate e creme de wasabi; o Tartare de Salmão (R\$ 79), acompanhado de ovas de massagô levemente apimentadas; e o Sashimi de Vieira (R\$ 62). Av. Afrânio de Melo Franco, 290, 1º piso - Leblon. Tel: (21) 3190-7166.



Kinjo

MARE MARE PANE E VINO - Com a proposta de oferecer sanduíches artesanais, a casa, recém-aberta no Shopping Leblon, traz seis opções de sanduíches, todos servidos em uma focaccia artesanal, preparada com 32h de fermentação. Os frios são fatiados na própria casa, garantindo cortes finos e leves. Para a temporada, destaque para Salmão Positano (R\$ 69,90) feito com carpaccio de salmão defumado, abobrinhas marinadas em azeite de limão siciliano, crema de grana padano e rúcula. Endereço: Shopping Le-



Baleia Rio's



Sushi Rao



Rudã

blon - 4º piso. Avenida Afrânio de Melo Franco, 290 - Leblon. Instagram: https://www.instagram.com/maremare_panevino/

P'ALMA - O restaurante do segundo andar da Casa Horto, comandado pelo chef Yan Spadafori, apresenta em seu cardápio opções como: o Carpaccio de polvo mediterrâneo (R\$85 - foto) com finíssimas lâminas, azeite de cebollete, toque de limão, tomate e chips de batata doce roxa e o Carpaccio de peixe branco do dia (R\$82) feitos com aioli cypriani e ovas de capelim, alcaparra e azeite vermelho. Endereço: Rua Pacheco Leão 696 - Jardim Botânico. Telefone: (21) 93618-6310.

RUDÃ - O chef Danilo Parah sugere para os dias mais quentes do ano o de Peixe com Melão (R\$ 59), um cruudo de peixe branco, picles de melão Cantaloup e consomê de melão e chá verde, o Cruudo de atum curado com creme de castanha defumada, gel de acerola e ponzu de tangerina (R\$ 76) e a Carne de onça (R\$ 72 - foto) tartare de filé mignon bem temperado, mostarda fermentada, picles de cebola e fritas da casa. Rua Garcia d'Ávila, 118 - Ipanema. WhatsApp: (21) 98385-7051

SOBRADO DA CIDADE - Com a chegada do verão e dos dias mais quentes, o público passa a buscar refeições mais leves, frescas e cheias de sabor. Atento a esse movimento a casa apresenta novidades em seu cardápio, reunindo ingredientes brasileiros, técnicas contemporâneas e influências do Mediterrâneo, em criações que traduzem o clima da estação. Entre as sugestões de pratos executivos especiais, está a "Salada Brasileira - Francisco da Cunha Brandão" (R\$ 72), um mix de folhas, castanha de caju, queijo Canastra marinado no pesto de manjeriço, molho de maracujá e pipoca de queijo coalho, resultando em uma experiência leve e aromática. Rua do Rosário, 34 - Centro. Tel: (21)97978-4353.

SUSHI RÃO - A rede de comida japonesa sugere uma das opções mais pedidas do cardápio: o Pokezão (R\$ 46,90), que mistura 120g de salmão, arroz japonês, cream cheese, Sunomono, couve crispy, casquinha de harumaki, cenoura ralada e cebola roxa. Finalizado com cebolinha e Gergelim. Os pedidos podem ser feitos pelo iFood.

Por Mayariane Castro

O Museu de Arte de Brasília (MAB) apresenta a exposição “Diálogos da Liberdade na Coleção Brasília”, que reúne obras de arte, fotografias históricas, documentos e objetos relacionados à construção e à inauguração da capital federal. A mostra é composta por trabalhos do acervo do próprio MAB e da Coleção Brasília, com Acervo Izoete e Domício Pereira, e propõe ao público um panorama sobre os primeiros anos de Brasília a partir de diferentes linguagens visuais e registros históricos.

O eixo central da exposição é o álbum “Brasília 1960: O Mais Arrojado Plano Arquitetônico do Mundo”, de autoria do fotógrafo Mário Fontenelle, responsável pelos registros oficiais do governo de Juscelino Kubitschek.

O conjunto reúne 24 fotografias em preto e branco produzidas entre 1958 e 1960, que documentam etapas da construção da cidade, bem como os eventos e cerimônias de sua inauguração, em 21 de abril de 1960. As imagens apresentam registros do canteiro de obras, da arquitetura emergente e do contexto político e simbólico da criação da nova capital.

A partir desse núcleo documental, a exposição estabelece diálogos com obras de artistas que participaram da consolidação do imaginário visual de Brasília. Estão presentes trabalhos de Oscar Niemeyer, Lúcio Costa, Roberto Burle Marx, Athos Bulcão, Marianne Peretti, Alfredo Ceschiatti, Bruno Giorgi, Zeno Zani, Ake Borglund, entre outros.

As obras evidenciam a integração entre arte, arquitetura e

Exposição revisita origens de Brasília

Mostra no Museu de Arte de Brasília reúne obras, documentos e fotografias sobre a construção da capital federal



Acervo

Niemeyer no Palácio do Alvorada, uma das fotos em exposição

paisagem urbana que marcou o projeto da capital federal desde seus primeiros anos.

O percurso expositivo também inclui produções de artistas de gerações posteriores, como Honório Peçanha, Ziraldo, Danilo Barbosa e Carlos Bracher.

Essas obras estabelecem relações com o conjunto histórico ao abordar temas ligados à memória, à cidade e à permanência dos símbolos de Brasília no imaginário cultural brasileiro.

A proposta curatorial coloca em diálogo produções de diferentes períodos, buscando aproximar registros do passado e interpretações contemporâneas.

Além das artes visuais, a mostra reúne objetos e itens históricos relacionados ao período de formação da capital.

Entre eles, estão a maquete de lançamento do automóvel Romi-Isetta, peças utilizadas no serviço do Palácio da Alvorada e a primeira fotografia de satélite do Plano Piloto.

A Romi-Isetta foi o primeiro automóvel fabricado no Brasil. Um veículo para dois passageiros, com uma porta frontal - na frente do carro.

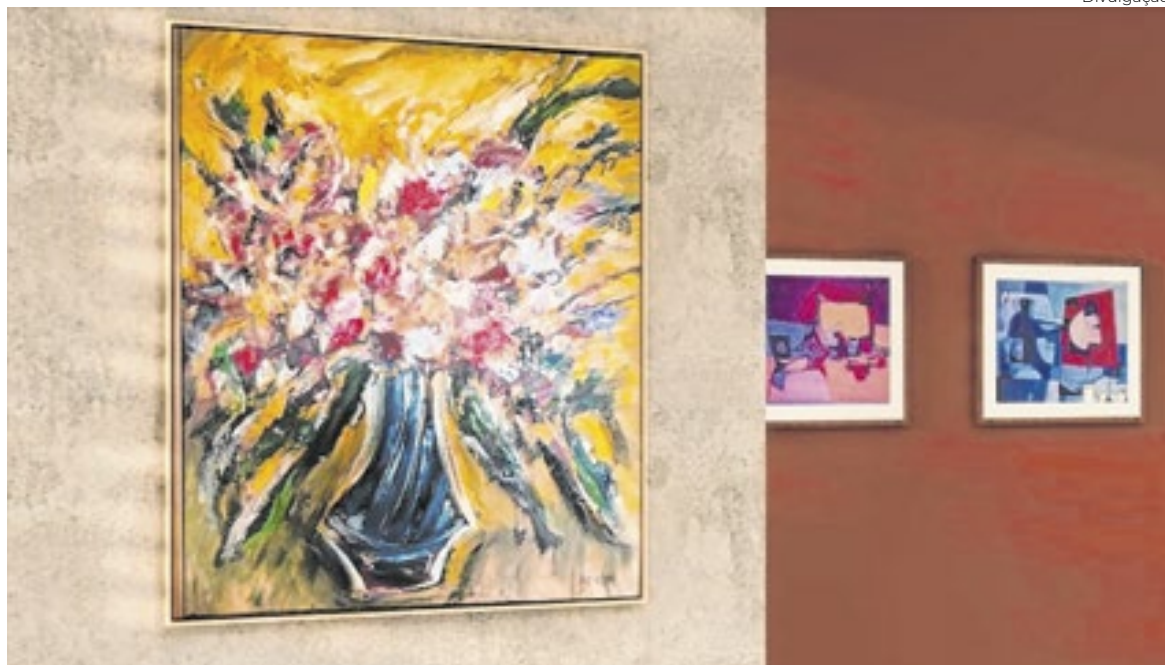
Documentos históricos e arte

Minidocumentário conta como se fez o que é classificado como o “mais arrojado plano arquitetônico”

No segmento documental, dois itens recebem destaque especial. Um deles é a carta-depoimento escrita por Juscelino Kubitschek em 1961, ao final de seu mandato presidencial, na qual o ex-presidente registra reflexões sobre seu governo e sobre a construção de Brasília. O outro é a homenagem da Igreja Católica a Dom Bosco, padroeiro da capital, composta por fragmentos de suas vestes, que remete à dimen-

são simbólica e religiosa associada à fundação da cidade.

A exposição inclui ainda a obra “Museu Imaginado”, do artista mineiro Carlos Bracher, doada ao Museu de Arte de Brasília pelo próprio artista em parceria com o curador Cláudio Pereira. A obra propõe uma reflexão sobre o papel das instituições museológicas, da memória e da imaginação na construção de narrativas históricas e culturais,



Divulgação

Mostra tem obras de Carlos Bracher, Burle Marx e Niemeyer

dialogando com o conjunto da exposição.

Como parte dos recursos expográficos, o público tem acesso à gravação em áudio da carta-depoimento de Juscelino Kubitschek, a um minidocumentário dedicado ao álbum “Brasília 1960: O Mais Arrojado Plano Arquitetônico

do Mundo” e a uma versão colorizada das fotografias históricas, realizada por meio de processos de inteligência artificial. Esses recursos ampliam as possibilidades de leitura e interpretação do material apresentado.

A proposta curatorial busca evidenciar relações entre dife-

rentes gerações de artistas, linguagens e formas de expressão, estimulando leituras cruzadas entre obras, documentos e objetos. Ao reunir registros históricos e produções artísticas, a exposição convida o público a refletir sobre a construção identidade cultural brasileira.

SEXTOU! UM DF DE

MÚSICA

✳O pianista brasileiro Pablo Marquine lança obras inéditas de Claudio Santoro, nunca antes gravadas, em uma iniciativa que integra o projeto “Alma Brasileira”, dedicado à valorização da música erudita nacional. Além dos lançamentos fonográficos, o projeto prevê concertos e ações comemorativas em homenagem ao compositor, cujas gravações já estão disponíveis nas principais plataformas digitais. Marquine apresenta três álbuns inéditos com a obra completa para piano solo do maestro e compositor Claudio Santoro (1919–1989). Com classificação livre e acesso gratuito, o projeto “Alma Brasileira: Claudio Santoro e Hermeto Pascoal” é realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal (FAC-DF). A iniciativa propõe celebrar a obra e o legado de Claudio Santoro e Hermeto Pascoal por meio de concertos, apresentações em escolas e gravações exclusivas. O projeto é conduzido pelos músicos Pablo Marquine e Diogo Monzo, responsáveis por interpretar e difundir a obra dos dois mestres.

ARTE

✳O CCB Brasília prepara uma programação especial de férias em janeiro de 2026 com atividades que combinam arte, jogos e experiências interativas por meio do “Passaporte de Férias do Rolê Cultural”. A iniciativa integra a agenda do Programa Educativo e reúne visitas mediadas, oficinas, contação de histórias, ações ao ar livre e encontros em Libras. Durante o mês, crianças, jovens e adultos são convidados a ocupar o Centro Cultural Banco do Brasil Brasília como um espaço de convivência e descoberta. Os ingressos podem ser retirados pelo site bb.com.br/cultura ou diretamente na bilheteria. O CCB Brasília funciona de terça a domingo, das 9h às 21h. Ao completar a cartela com dez carimbos e dois selos especiais, o participante pode apresentar o passaporte para garantir uma recompensa. O Passaporte de Férias está disponível para retirada na Sala do Educativo, mediante apresentação do ingresso de uma atividade do Programa Educativo.

✳O Ateliê do Museu de Arte de Brasília (MAB) amplia sua programação durante as férias



Diego Bresani

CCBB recebe a “Ocupação Os Buriti – 30 anos”, que celebra três décadas de trajetória da companhia teatral



Gabriela Pires

Museu de Arte de Brasília (MAB) volta a se movimentar



Divulgação

Pianista brasileiro celebra obras de Cláudio Santoro

e oferece minicursos gratuitos de bordado e pintura ao longo do mês de janeiro. A iniciativa convida crianças, jovens e adultos a transformar a visita ao museu em uma experiência de criação artística, com encontros sequenciais e vagas limitadas. Ao longo do mês, o Ateliê do MAB realiza minicursos gratuitos voltados a crianças a partir de 6 anos e a jovens e adultos a partir de 10 anos. As atividades são organizadas em módulos sequenciais, permitindo aos participantes acompanhar um percurso completo de apren-

dizado. Cada sessão oferece 20 vagas, preenchidas por ordem de chegada, com indicação etária conforme a oficina.

CINEMA E TEATRO

✳Vencedor de mais de 20 prêmios internacionais, “O Agente Secreto” marca a abertura da primeira Sessão Acessível de 2026 no Cine Brasília. Aclamado pelo público e pela crítica, o longa-metragem dirigido por Kleber Mendonça Filho é o principal destaque da programação da semana e será exibido no sábado, dia 10, às 14h, em uma

sessão gratuita voltada a Pessoas com Deficiência. A Sessão Acessível conta com recursos de inclusão, como tradução em Libras e legendas descritivas projetadas na tela, além de audiodescrição transmitida pelo sistema de som da sala. A iniciativa reforça o compromisso do Cine Brasília com o acesso democrático ao cinema. Desde a estreia mundial no Festival de Cannes, “O Agente Secreto” vem se firmando como uma das produções brasileiras mais celebradas dos últimos anos. A trajetória de sucesso seguiu por

festivais e associações de críticos ao redor do mundo, somando mais de 20 prêmios. Os mais recentes foram conquistados no Critics' Choice Awards, no último domingo, dia 4, quando o longa venceu nas categorias de Melhor Filme Internacional e Melhor Ator, com Wagner Moura.

✳Entre os dias 16 de janeiro e 8 de fevereiro, o Centro Cultural Banco do Brasil Brasília (CCBB Brasília) recebe a “Ocupação Os Buriti – 30 anos”, que celebra

OPÇÕES DE LAZER

POR: REYNALDO RODRIGUES E MAYARIANE CASTRO - CORREIOCULTURALDF@GMAIL.COM



Passaporte de férias preenche janeiro no CCBB Brasília



Curso de capacitação cultural enaltece o evento Favela Sounds



Curso de capacitação cultural enaltece o evento Favela Sounds



Exposição sobre construção de Brasília chega ao MAB



Curso de capacitação cultural enaltece o evento Favela Sounds

três décadas de trajetória da companhia teatral. Voltada a diferentes faixas etárias, a programação reúne três espetáculos do repertório do grupo: “À Beira do Sol” (classificação livre), “Depois do Silêncio” (classificação indicativa de 12 anos) e “Cantos de Encontro” (classificação livre). A programação completa e os ingressos estão disponíveis no site do CCBB Brasília e na bilheteria do centro cultural. Os valores são de R\$ 30 (inteira) e R\$ 15 (meia-entrada), com início das vendas a partir do dia 14 de janeiro.

CAPACITAÇÃO

✱O Projeto Conexão Para Todos está com inscrições abertas para cursos gratuitos de tecnologia em Ceilândia. A iniciativa oferece capacitação profissional em áreas ligadas ao mercado digital e tem como objetivo promover a inclusão digital e ampliar as oportunidades de

qualificação para jovens e adultos da região. Estão disponíveis formações em Informática, Vídeo Maker, Design Gráfico e E-Sport. Todos os cursos são totalmente gratuitos e incluem certificado de conclusão. As aulas serão realizadas nos formatos presencial e online, com turmas nos turnos da manhã e da tarde, possibilitando a participação de pessoas com diferentes rotinas. Com início previsto para o dia 12 de janeiro, as atividades acontecem em Ceilândia e reforçam o compromisso do projeto em aproximar educação e tecnologia da comunidade, além de incentivar e valorizar os talentos locais.

✱O Favela Sounds, reconhecido como o maior festival de cultura periférica do Brasil, está com inscrições abertas para o curso gratuito “Como criar um Favela Sounds?”. A formação

presencial oferece uma imersão voltada a pessoas interessadas em idealizar, estruturar e realizar projetos criativos e festivais de qualquer linguagem. As inscrições podem ser feitas até 15 de janeiro por meio de formulário online. O curso acontece entre 26 de janeiro e 6 de fevereiro de 2026, na Universidade Afrolatinas, localizada no Varjão, e disponibiliza 20 vagas. A programação é dividida em seis encontros presenciais, abordando desde a concepção até a execução de projetos criativos, com base na experiência do Favela Sounds, criado em 2016 para valorizar e difundir a cultura periférica. Até hoje, o festival já impactou mais de 300 mil pessoas em edições presenciais e cerca de 5 milhões online.

CULTURA POPULAR

✱A Festa de São Sebastião do Boi de Seu Teodoro retorna a Sobradinho (DF) em 2026 celebrando fé, tradição e cultura popular, agora com a participação do projeto “Cultura Negra em Movimento”. O evento, gratuito, acontece no Centro de Tradições Populares e une manifestações folclóricas e religiosas, como o tradicional levantamento do mastro, ladainhas, além de apresentações de Tambor de Crioula, Bumba-meu-boi e da Escola de Samba Bola Preta. A programação acontece nos dias 10, 17 e 20 de janeiro, mantendo viva uma tradição iniciada na década de 1970 e fortalecendo a valorização da cultura negra e popular da região.

Festival celebra **culinária e cultura afro** em Ceilândia

Evento reúne feira gastronômica, shows e oficinas gastrnômicas com chefs da África

POR MAYARIANE CASTRO

O Festival Chakula Kizuri acontece no sábado (10), no Centro Cultural Desportivo de Ceilândia, com programação voltada à cultura africana e afro-diaspórica.

O evento é gratuito, aberto a todos os públicos e reúne feira gastronômica, apresentações musicais e atividades formativas.

A iniciativa prevê a realização da Feira Afrosabores, com 20 estandes dedicados à cultura e à gastronomia africana, além de apresentações artísticas ao longo do dia.

Estão confirmadas participações da DJ Negritah, do grupo Samba da Guariba, da banda de percussão africana Danda Muxima e dos artistas Rich, Kelvindon, Parker e Big Nel. A programação musical busca contemplar diferentes expressões culturais ligadas à herança africana no Brasil.

Cultura africana

Segundo a organização, o festival foi criado com o objetivo de ampliar a visibilidade das culturas africanas e afrodescendentes no Distrito Federal e promover o acesso da população a manifestações culturais, saberes tradicionais e práticas culinárias de diferentes países do continente africano.

O idealizador do evento, Eduardo dos Santos, afirma que a proposta é aproximar referências africanas e brasileiras por meio da música, da culinária e de atividades educativas.

Além do evento principal, o Festival Chakula Kizuri realizou uma série de workshops de culinária africana, que começaram na segunda-feira (5) e vão até sexta (9). As atividades formativas ocorreram no Motorock Bar, localizado na QNJ 18, em Taguatinga, das 15h às 17h. As oficinas foram gratuitas e conduzidas por chefs convidados de diferentes países africanos que trouxeram um pouco da gastronomia do continente para o quadradinho do Distrito Federal.

Na segunda, a atividade foi ministrada pelo chef McMartins, da Nigéria. Na terça-feira, o workshop foi conduzido pelo chef Akefa, do Senegal. Na quarta, comandou a oficina a chef Pelagie, da República Democrática do Congo. Na quinta, Sarah Koné, da Costa do Marfim. E o evento se encerra na sexta-feira com o chef Salomé, de Camarões. A programação educativa teve como foco a apresentação de técnicas, ingredientes e modos de preparo tradicionais da culinária africana,



A chef Akefa, do Senegal, foi um dos destaques do festival

permitindo o contato direto do público com profissionais que atuam na preservação e difusão desses saberes.

O Centro Cultural Desportivo da Ceilândia, local escolhido

para o evento principal, é um espaço público tradicionalmente utilizado para atividades culturais e comunitárias no Distrito Federal. De acordo com os organizadores, o local contará com es-

trutura de acessibilidade, incluindo banheiros adaptados, espaço amplo para circulação, ponto de acessibilidade, intérprete de Libras e recursos de audiodescrição durante a programação.

Em suaíli, o nome quer dizer **“comida boa”**

Durante a semana, cinco chefs de diferentes países mostraram a sua arte nas panels

Em suaíli, idioma banto falado em grande parte da África Oriental, Chakula Kiruri quer dizer “comida boa”.

O Festival Chakula Kizuri é uma realização do Instituto Meninos de Ceilândia, com produção do Coletivo Unindo Tribos. O evento conta com apoio da Secretaria de Justiça e Cidadania do Distrito Federal (Sejus), do Fórum do Rock, da Fundação Cultural Palmares e do Ministério da Cultura, por meio do Governo Federal.

Restaurantes

A culinária africana tem ampliado sua presença no Distrito Federal nos últimos anos, impulsionada pela atuação de

imigrantes, empreendedores culturais e coletivos ligados à diáspora africana. Restaurantes, feiras gastronômicas e eventos culturais têm contribuído para a circulação de pratos, ingredientes e modos de preparo originários de diferentes regiões do continente, como África Ocidental, Central e Oriental. Essa presença se manifesta tanto em iniciativas comerciais quanto em ações comunitárias e educativas, que buscam apresentar ao público do DF referências pouco difundidas na gastronomia local.

Além do aspecto gastronômico, a culinária africana no Distrito Federal tem sido reconhecida como um elemento de



Sarah Kone é uma chef da Costa do Marfim

preservação cultural e de transmissão de saberes ancestrais. Oficinas, festivais e encontros culinários promovem o intercâmbio entre chefs africanos, descendentes de africanos e o público interessado, fortalecendo redes culturais e econômicas. Esses espaços também contribuem para o debate sobre identidade, memória e diversidade cultural, ao evidenciar a relação histórica entre a alimentação africana e a formação da culinária brasileira.

Restaurantes africanos que se destacam na cena gastronômica brasileira são o Simbaz (412 Sul), o Sunugal (406 Norte) e o Ewo Etnogastronomia Bistrô (216 Norte)



Um ator em rotação, translação e reinvenção



Caio Blat
volta ao palco
com a peça **'Os
Irmãos Karamázov'**,
da qual é **codiretor**.
Também **brilha na TV**
no resgate de 'Proibido
Proibir', **prepara
espetáculo** à base de
Kafka e tem **longas
inéditos** por lançar.
Página. 2